

Teoria do Conhecimento

1. O Que é Conhecimento?

É a relação que se estabelece entre um sujeito cognoscente (ou uma consciência) e um objeto. O conhecimento pode ser definido como a apreensão do objeto pelo sujeito. Todo conhecimento, portanto, pressupõe dois elementos - o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido - que se apresentam, dentro de uma relação.

SUJEITO = OBJETO

Isso equivale a dizer que o conhecimento é o ato, o processo pelo qual o sujeito se coloca no mundo e, com ele, estabelece uma ligação. Por outro lado o conhecimento é possibilitado pela existência do que se oferece a um sujeito apto a conhecê-lo. Só há saber para o sujeito cognoscente se houver um mundo a conhecer, mundo este do qual ele é parte, uma vez que o próprio sujeito pode ser objeto de conhecimento.

No decorrer da história, muitos filósofos deram primazia a um dos dois pólos da relação de conhecimento - **AO SUJEITO OU AO OBJETO** -, originando duas correntes: o idealismo e o realismo. No idealismo, vai-se do pensamento para as coisas; no realismo, ao contrário, a coisa é o ponto de partida do ato de conhecimento.

➔ **IDEALISMO**: o idealismo, afirma que as coisas não existem por si mesmas, mas na medida e enquanto são representadas ou pensadas, de maneira que só se conhece aquilo que se insere no domínio de nosso espírito e não as coisas como tais, ou seja, há uma tendência a subordinar tudo à formas espirituais ou esquemas. No idealismo, que é a compreensão do real como idealidade (o que equivale dizer a realidade como espírito), o homem cria um objeto com os elementos de sua subjetividade, sem que algo preexista ao objeto.

➔ **REALISMO**: Sabendo que a palavra realismo vem do latim *res* (coisa), podemos conceituar essa corrente como a orientação ou atitude espiritual que implica uma preeminência do objeto, dada a sua afirmação fundamental de que nós conhecemos coisas. Em outras palavras, é a independência ontológica da realidade, ou seja, o sujeito em função do objeto. O realismo é subdividido em três espécies. O realismo ingênuo, o tradicional e o crítico.

Do ponto de vista do **objeto a ser apreendido**, o conhecimento pode ser concreto, quando o sujeito estabelece uma relação com um objeto individual. Por exemplo, o conhecimento que temos de um amigo determinado, com todas as suas características individuais. E pode ser **ABSTRATO**¹ quando estabelece uma relação com um objeto geral, universal. Por exemplo, o conhecimento que temos do ser humano, como gênero.

¹ No processo de abstração, o conceito torna-se mais extenso à medida que o conteúdo intuitivo (imediatamente) fica mais pobre. O conceito de ser humano, por exemplo, é muito mais extenso que o de amigo, porque o primeiro recobre todo o gênero humano, incluindo homens e mulheres jovens e velhos, amigos ou não.

CONCRETO**ABSTRATO**

TERMOS CONCRETOS	TERMOS ABSTRATOS
O Existente	A existência
O homem	A humanidade
O sábio	A sabedoria
O branco	A brancura

O conhecimento pode ainda ser sensível ou inteligível. O conhecimento sensível, ou experiência sensível, é constituído pela sensação e percepção. As sensações nos dão as qualidades das coisas, como quente e frio vermelho e azul, doce e amargo, perfumado e malcheiroso. A percepção é mais complexa, pois elabora a síntese das sensações. Já o conhecimento inteligível, ao contrário, é conceitual e racional e só pode ser atingido por meio do uso da razão.

➔ **SENSÍVEL:** é através das sensações (visão, audição, olfato, tato e paladar) nós conhecemos o mundo. A partir das sensações proferimos frases que tentam expressar objetivamente aquilo que se sentiu, por exemplo 'a maçã é doce', ou 'limão é azedo', ou 'o dia é claro'. Conseguimos lidar com o mundo a partir deste tipo de conhecimento, mas há ele é limitado por várias razões: como ele pode ser objetivo se cada pessoa tem uma sensação diferente sobre a mesmo objeto? A mesma pessoa pode sentir de diferentes modos o mesmo objeto dependendo do seu estado físico, por exemplo, uma febre muito forte pode proporcionar uma sensação diferente da maçã. Se confiarmos exclusivamente nas sensações temos que admitir que o Sol gira em torno da Terra.

➔ **INTELIGÍVEL:** aquilo que é susceptível de ser compreendido. É o conhecimento obtido através do intelecto (pensamento, intuição intelectual). Uma pessoa leiga (não cientista) sabe da existência das células-tronco através de uma reportagem científica mostrada numa revista ou pela TV, onde a comunidade científica descreve as propriedades das células e os efeitos que elas causam em um organismo. Mesmo sem ter visto uma célula-tronco e nem o modo como ela funciona, damos crédito ao conhecimento a nós passado pela comunidade científica. Este tipo de conhecimento é objetivo (não subjetivo), ele comum a qualquer pessoa. Os filósofos gregos o denominaram de episteme (opinião verdadeira). Os antigos consideravam o conhecimento como identificação, ou seja, conhece-se um objeto porque há semelhança entre os elementos do conhecimento e os elementos dos objetos.

Modos de Conhecer

➔ **INTUIÇÃO:** Por um lado, o conhecimento direto e autoevidente de um conceito, proposição ou entidade, por outro, a capacidade que permite obter este tipo de conhecimentos que não podem ser obtidos ou inferidos por intermédio da experiência ou da razão. O conhecimento, por exemplo, de conceitos da ética, como o de bem, da estética, como o de belo, de verdades necessárias, como os princípios da lógica e da matemática, ou de entidades, como Deus, é por vezes explicado assim.

É habitual chamar-se "intuicionistas" às teorias que defendem o conhecimento de tais conceitos apenas através da intuição. Noutra acepção mais fraca, fala-se das intuições como as crenças que, tudo o resto sendo igual, não temos razões independentes para pensar que estão erradas. A intuição expressa-se de diversas maneiras entre as quais destacamos a empírica, a inventiva e a intelectual.

SENSÍVEL

INVENTIVA

INTELLECTUAL

➔ **CONHECIMENTO DISCURSIVO:** ao contrário da intuição o conhecimento discursivo precisa da palavra, da linguagem. É o que se refere ao discurso, entendido como qualquer segmento de linguagem em que se articulam várias frases, como conversas faladas ou escritas, textos, troca de argumentos, narrativas, etc.

Para a análise e compreensão do discurso intervêm aspectos como a relação de implicação entre aquilo que as frases exprimem, os pressupostos do que é afirmado, a força argumentativa, os aspectos contextuais, etc., que são estudados por disciplinas como a linguística, a lógica, a filosofia da linguagem e, em muitos casos, também a sociologia, a psicologia e a retórica.

Dizer que a filosofia tem uma dimensão discursiva é dizer que utiliza instrumentos lógicos e linguísticos. Por isso é possível afirmar que o conhecimento discursivo é:

MEDIATO

ABSTRATO

CONCEITUAL

Dogmático X Cético

É possível conhecer? Existe uma verdade? Não há verdades? Essas questões foram tratadas por inúmeras escolas filosóficas que contribuíram para a construção do conhecimento humano. Essa parte da teoria do conhecimento é responsável por solucionar a seguinte questão: qual a possibilidade do conhecimento? Para que seja possível respondê-la, muitos autores recorrem a duas importantes posições: o dogmatismo e o ceticismo:

1. Dogmatismo

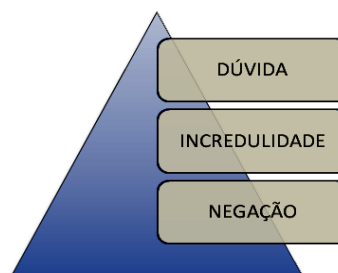
É a corrente que se julga em condições de afirmar a possibilidade de conhecer verdades universais quanto ao ser, à existência e à conduta, transcendendo o campo das puras relações fenomenais e sem limites impostos a priori à razão. Existem duas espécies de dogmatismo: o total e o parcial.

TOTAL	PARCIAL
<p><i>O primeiro é aquele em que a afirmação da possibilidade de se alcançar a verdade última é feita tanto no plano da especulação, quanto no da vida prática ou da Ética. Esse dogmatismo intransigente, quase não é adotado, devido à rigorosidade de adequação do pensamento. Porém, encontramos em Hegel a expressão máxima desse tipo de dogmatismo, pois, existe em suas obras uma identificação absoluta entre pensamento e realidade. Como o próprio autor diz "o pensamento, na medida em que é, é a coisa em si, e a coisa em si, na medida em que é, é o pensamento puro".</i></p>	<p><i>Adotado em maior extensão, tem um sentido mais atenuado, na intenção de afirmar-se a possibilidade de se atingir o absoluto em dadas circunstâncias e modos quando não sob certo prisma. Ou seja, é a crença no poder da razão ou da intuição como instrumentos de acesso ao real em si. Alguns dogmáticos parciais se julgam aptos para afirmar a verdade absoluta no plano da ação. Entretanto, outros somente admitem tais verdades no plano especulativo. Daí origina-se a distinção entre dogmatismo teórico e dogmatismo ético.</i></p>

2. Ceticismo

Consiste numa atitude dubitativa ou uma provisoriabilidade constante, mesmo a respeito de opiniões emitidas no âmbito das relações empíricas. Essa atitude nunca é abandonada pelo ceticismo, mesmo quando são enunciados juízos sobre algo de maneira provisória, sujeitos a refutação à luz de sucessivos testes. Ou seja, o ceticismo se distingue das outras correntes por causa de sua posição de reserva e de desconfiança em relação às coisas.

Há no ceticismo – assim como no dogmatismo – uma distinção entre absoluto e parcial.



Racionalismo X Empirismo

Desde as origens da filosofia o problema do conhecimento sempre ocupou a maioria dos filósofos. O tema já era tratado pelos pensadores pré-socráticos, os quais, dada a maneira como abordavam o assunto, se dividiam entre racionalistas e empiristas. O racionalismo e o empirismo representam visões opostas na maneira de explicar como o homem adquire conhecimentos. A classificação em correntes de pensamento, evidentemente, foi realizada pelos pensadores posteriores, já que nem os gregos ou os medievais tinham clara a separação entre as duas tendências.

Parmênides (cerca de 530 a.C. -460 a.C.) e os pitagóricos (século VI a.C.) concordam que além do conhecimento empírico existe também o racional, e é somente este último que efetivamente tem valor absoluto. Por outro lado, os sofistas Protágoras (480 a.C. -410 a.C.) e Górgias (480 a.C.375 a.C.) reconhecem somente o conhecimento sensível. Assim, como sabiam que as experiências eram falhas e que não eram as mesmas para todo e qualquer indivíduo, os sofistas concluíram pela relatividade do conhecimento, o que os permitiu afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas”, negando qualquer conhecimento necessário e universal.

RACIONALISMO	EMPIRISMO
<p><i>O Racionalismo é uma corrente filosófica baseada nas operações mentais para definir a viabilidade e efetividade das proposições apresentadas. Essa corrente surgiu como doutrina no século I antes de Cristo para enfatizar que tudo que é existente é decorrente de uma causa. Muito tempo depois, já na Idade Moderna, os filósofos racionalistas adotaram a matemática como elemento para expandir a ideia de razão e a explicação da realidade. Dentre seus adeptos, destacou-se o francês René Descartes que elaborou um método baseado na geometria e nas regras do método científico. Suas ideias influenciaram diversos outros intelectuais, como Spinoza e Leibniz. Este, por exemplo, desenvolveu o método de cálculo infinitesimal e defendeu o Racionalismo dizendo que algumas ideias e princípios são percebidos pelos nossos sentidos, mas não estão neles as origens. Seus argumentos tinham grande amparo da geometria, da lógica e da aritmética.</i></p>	<p><i>O empirismo é uma doutrina filosófica que tem como principal teórico o inglês John Locke (1632-1704), que defende uma corrente a qual chamou de Tabula Rasa. Esta corrente afirma que as pessoas nada conhecem, como uma folha em branco. O conhecimento é limitado às experiências vivenciadas, e as aprendizagens se dão por meio de tentativas e erros. Entende-se por empírico aquilo que pode ter sua veracidade ou falsidade verificada por meio dos resultados de experiências e observações. Teorias não bastam, somente através da experiência, de fatos ocorridos observados, um conhecimento é considerado pelo empirista.</i></p> <p><i>A percepção do Mundo externo e a abstração da realidade realizada na mente humana são o que faz o homem adquirir sabedoria, segundo o empirismo. Embora tenha se baseado no cartesianismo de René Descartes, ao contrário deste, Locke não aceita a existência de ideias inatas resultantes da capacidade de pensar da razão.</i></p>

TREINANDO PARA O ENEM

1. (Uel) No livro *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, a Rainha Vermelha diz uma frase enigmática: “Pois aqui, como vê, você tem de correr o mais que pode para continuar no mesmo lugar.”

(CARROL, L. *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p.186.)

Já na Grécia antiga, Zenão de Eleia enunciara uma tese também enigmática, segundo a qual o movimento é ilusório, pois “numa corrida, o corredor mais rápido jamais consegue ultrapassar o mais lento, visto o perseguidor ter de primeiro atingir o ponto de onde partiu o perseguido, de tal forma que o mais lento deve manter sempre a dianteira.”

(ARISTÓTELES. *Física*. Z 9, 239 b 14. In: KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Pré-socráticos. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p.284.)

Com base no problema filosófico da ilusão do movimento em Zenão de Eleia, é correto afirmar que seu argumento

- baseia-se na observação da natureza e de suas transformações, resultando, por essa razão, numa explicação naturalista pautada pelos sentidos.
 - confunde a ordem das coisas materiais (sensível) e a ordem do ser (inteligível), pois avalia o sensível por condições que lhe são estranhas.
 - ilustra a problematização da crença numa verdadeira existência do mundo sensível, à qual se chegaria pelos sentidos.
 - mostra que o corredor mais rápido ultrapassará inevitavelmente o corredor mais lento, pois isso nos apontam as evidências dos sentidos.
 - pressupõe a noção de continuidade entre os instantes, contida no pressuposto da aceleração do movimento entre os corredores.
2. (Ufsj) A construção de uma cosmologia que desse uma explicação racional e sistemática das características do universo, em substituição à cosmogonia, que tentava explicar a origem do universo baseada nos mitos, foi uma preocupação da Filosofia
- medieval.
 - antiga.
 - iluminista.
 - contemporânea.

3. (Ufmg) Em um trecho do diálogo *Eutidemo*, Sócrates conta a Críton como discutiu com Clíncias a possibilidade de haver uma arte ou ciência que leve os homens à felicidade. Após descartar diversas artes, eles dedicaram-se a considerar a “arte política”, identificada por eles com a “arte real”, ou seja, com a arte do governo do rei. Todavia, o desdobramento do diálogo mostra que também essa “arte política” ou “real” não pode exercer a função de levar os homens à felicidade, porque sua ação não torna os homens melhores eticamente. Eles constatam, assim, que chegaram a um impasse na argumentação, isto é, uma aporia. A esse respeito, leia o fragmento:

[SÓCRATES] Mas que ciência então? De que maneira a usaremos? Pois é preciso que ela não seja artífice de nenhuma das obras que não são nem boas nem más, mas sim que transmita nenhuma outra ciência a não ser ela própria. Devemos dizer então que <ciência> é esta afinal, e de que maneira a usaremos? Queres que digamos, Críton: é aquela com a qual faremos bons os outros homens?

[CRÍTON] Perfeitamente.

[SÓCRATES] Os quais serão bons em quê? e, em quê, úteis? Ou diremos que farão bons ainda outros, e esses outros <farão bons> outros? Mas em quê, afinal, são bons, não nos é claro de maneira nenhuma, já que precisamente desprezamos as obras que se diz serem da política [...]; e, é exatamente o que eu dizia, estamos igualmente carentes, ou ainda mais, no que se refere ao saber qual é afinal aquela ciência que nos fará felizes.

[CRÍTON] Por Zeus, Sócrates! Chegastes a uma grande aporia, segundo parece.

EXPLIQUE por que, segundo Sócrates e Críton, a mesma arte não pode ser responsável por governar os homens e, simultaneamente, torná-los bons.

4. (Unicamp) A sabedoria de Sócrates, filósofo ateniense que viveu no século V a.C., encontra o seu ponto de partida na afirmação “sei que nada sei”, registrada na obra *Apologia de Sócrates*. A frase foi uma resposta aos que afirmavam que ele era o mais sábio dos homens. Após interrogar artesãos, políticos e poetas, Sócrates chegou à conclusão de que ele se diferenciava dos demais por reconhecer a sua própria ignorância.

O “sei que nada sei” é um ponto de partida para a Filosofia, pois

- a) aquele que se reconhece como ignorante torna-se mais sábio por querer adquirir conhecimentos.
- b) é um exercício de humildade diante da cultura dos sábios do passado, uma vez que a função da Filosofia era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos.
- c) a dúvida é uma condição para o aprendizado e a Filosofia é o saber que estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos.
- d) é uma forma de declarar ignorância e permanecer distante dos problemas concretos, preocupando-se apenas com causas abstratas.

5. (Uel) Leia o texto a seguir.

Tudo isso ela [Diotima] me ensinava, quando sobre as questões de amor [eros] discorria, e uma vez ela me perguntou: – que pensas, ó Sócrates, ser o motivo desse amor e desse desejo? A natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal. E ela só pode assim, através da geração, porque sempre deixa um outro ser novo em lugar do velho; pois é nisso que se diz que cada espécie animal vive e é a mesma. É em virtude da imortalidade que a todo ser esse zelo e esse amor acompanham.

(Adaptado de: PLATÃO. *O Banquete*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.38-39. Coleção Os Pensadores.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o amor em Platão, assinale a alternativa correta.

- a) A aspiração humana de procriação, inspirada por *Eros*, restringe-se ao corpo e à busca da beleza física.
 - b) O *eros* limita-se a provocar os instintos irrefletidos e vulgares, uma vez que atende à mera satisfação dos apetites sensuais.
 - c) O *eros* físico representa a vontade de conservação da espécie, e o espiritual, a ânsia de eternização por obras que perdurarão na memória.
 - d) O ser humano é idêntico e constante nas diversas fases da vida, por isso sua identidade iguala-se à dos deuses.
 - e) Os seres humanos, como criação dos deuses, seguem a lei dos seres infinitos, o que lhes permite eternidade.
6. (Unesp 2013) *Do lado oposto da caverna, Platão situa uma fogueira – fonte da luz de onde se projetam as sombras – e alguns homens que carregam objetos por cima de um muro, como num teatro de fantoches, e são desses objetos as sombras que se projetam no fundo da caverna e as vozes desses homens que os prisioneiros atribuem às sombras. Temos um efeito como num cinema em que olhamos para a tela e não prestamos atenção ao projetor nem às caixas de som, mas percebemos o som como proveniente das figuras na tela.*

(Danilo Marcondes. *Iniciação à história da filosofia*, 2001.)

Explique o significado filosófico da Alegoria da Caverna de Platão, comentando sua importância para a distinção entre aparência e essência.

7. (Ueg) A expressão “Tudo o que é bom, belo e justo anda junto” foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como
- cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência.
 - estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
 - existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
 - platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

8. (Uem) Na *Metafísica*, Aristóteles afirma: “O ser se diz de muitos modos, mas se diz em relação a um termo único e única natureza e não de modo equívoco. [...] uns são ditos ser porque são substâncias, outros porque são afecções de substâncias, outros porque são um caminho para a substância, ou destruições, privações, qualidades, causas produtivas ou geradoras para a substância ou do que é dito relativamente da substância, ou são negações de uma delas ou da substância; por esta razão dizemos inclusive que o não ser é não ser”.

(ARISTÓTELES, *Metafísica*, livro IV, cap. 2. In: FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. Volume 3. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2008, p. 33-34).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01) Um ser pode ser a negação de uma substância.
- 02) Do ser pode-se gerar uma substância, sem que isso que a gerou seja necessariamente uma substância.
- 04) A substância é anterior e prioritária ao ser.
- 08) A substância é necessariamente um ser.
- 16) Uma das exigências da definição de ser é que ela seja unívoca.

9. (Uem) Um texto de um filósofo anônimo da Idade Média apresenta de modo claro um problema central para a filosofia e a ciência do seu tempo. Ele afirma: “Boécio divide em três as partes da ciência especulativa: natural, matemática e teológica. Da mesma forma, o Filósofo [isto é, Aristóteles] divide-a em natural, matemática e metafísica. Assim, isto que Boécio chama teologia, o Filósofo chama metafísica. Elas são, portanto, idênticas. Mas a metafísica não é acerca de Cristo. Logo, a teologia também não o é”.

(*Quaestio de divina scientia*. In: FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. Vol. 3. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2008, p. 68).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01) A teologia apresenta-se na Idade Média como a ciência principal.
- 02) A teologia é objeto da filosofia de Aristóteles, apesar de ela não ter esse nome para ele.
- 04) A teologia é uma ciência que não diz respeito à investigação da natureza de Cristo.
- 08) A teologia é, para esses filósofos, tão científica quanto a matemática.
- 16) A teologia e a metafísica são conhecimentos adquiridos por meio da ciência especulativa.

10. (Ueg) O ser humano, desde sua origem, em sua existência cotidiana, faz afirmações, nega, deseja, recusa e aprova coisas e pessoas, elaborando juízos de fato e de valor por meio dos quais procura orientar seu comportamento teórico e prático. Entretanto, houve um momento em sua evolução histórico-social em que o ser humano começa a conferir um caráter filosófico às suas indagações e perplexidades, questionando racionalmente suas crenças, valores e escolhas.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a filosofia

- a) é algo inerente ao ser humano desde sua origem e que, por meio da elaboração dos sentimentos, das percepções e dos anseios humanos, procura consolidar nossas crenças e opiniões.
- b) existe desde que existe o ser humano, não havendo um local ou uma época específica para seu nascimento, o que nos autoriza a afirmar que mesmo a mentalidade mítica é também filosófica e exige o trabalho da razão.
- c) inicia sua investigação quando aceitamos os dogmas e as certezas cotidianas que nos são impostos pela tradição e pela sociedade, visando educar o ser humano como cidadão.
- d) surge quando o ser humano começa a exigir provas e justificações racionais que validam ou invalidam suas crenças, seus valores e suas práticas, em detrimento da verdade revelada pela codificação mítica.

11. (Ufsj) Segundo David Hume, “Todo raciocínio abstruso apresenta um mesmo inconveniente”, porque

- a) “pode silenciar o antagonista sem convencê-lo; e para nos darmos conta de sua força, precisamos dedicar-lhe um estudo tão intenso quanto o que foi necessário para sua invenção”.
- b) “impregna a mente humana com conceitos do idealismo que o induzem ao holismo moderno”.
- c) “justifica a disposição que a mente humana tem para se inclinar ao silogismo moderno”.
- d) “convida o raciocínio a enigmáticas considerações, direcionando-o ao ceticismo quinhentista”.

12. (Ufsj) Sobre “as qualidades úteis da mente”, descritas por David Hume, é **CORRETO** afirmar que

- a) “são aquilo que se pode primeiramente experimentar na arte de raciocinar”.
- b) “elas são retratadas no sentido vulgar, pois são diametralmente opostas ao poder e ao bom senso ou razão”.
- c) “determinam que as virtudes, como a simpatia, por exemplo, tenham a força ideal *a posteriori* para o bem-estar das sociedades humanas”.
- d) “essas virtudes formam a principal parte da moral”.

13. (Uem) Assinale o que for **correto**.

- 01) Como há uma separação clara entre o que é verdadeiro, portanto campo do juízo científico, e do que é belo, campo do juízo estético, poucos filósofos se dedicaram à investigação do juízo do gosto.
- 02) Walter Benjamin ponderava, em uma visão otimista da sociedade industrial, que a reprodução técnica da obra de arte – em livros, nas artes gráficas, na fotografia, no rádio e no cinema – propiciaria um movimento de democratização da cultura e das artes.
- 04) Kant, ao investigar os problemas da subjetividade do juízo do gosto, considerava a beleza como uma categoria universal da razão e, a partir da discussão sobre a beleza, propunha ser possível atingir um juízo estético possível de ser compartilhado por todos.
- 08) Os iluministas consideravam que era na contemplação desinteressada da obra que se dava o sentimento estético, porém tal contemplação dependia do refinamento da sensibilidade, que deveria ser alcançado pela educação.
- 16) A arte midiática, que atinge um número muito maior de indivíduos, proporciona uma maior concordância de opiniões no que se refere ao juízo do gosto. Tal fato prova que a arte de massa é mais verdadeira do que as manifestações individualizadas, que propiciam juízos de valor muito mais particulares.

14. (Uem) O filósofo alemão Hegel (1770-1831) afirma que “É tarefa da filosofia conceber o *que é*, pois, aquilo *que é* é a razão. No que concerne ao indivíduo, cada um é, de todo modo, um *filho de seu tempo*; do mesmo modo que a filosofia é seu *tempo apreendido em pensamentos*” (HEGEL, G. W. F. Excertos e parágrafos traduzidos.

In: *Antologia de Textos Filosóficos*. MARÇAL, J. (org.). Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 314).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01) A razão de algo é o conceito desse algo concebido filosoficamente pelo seu tempo.
 - 02) Aquilo *que é*, a essência de algo, é para o filósofo um conceito racional.
 - 04) O indivíduo, que é filho de seu tempo, do ponto de vista filosófico, pensa os seus problemas a partir de seu momento histórico.
 - 08) Os conceitos filosóficos, por serem determinados historicamente, estão restritos ao seu tempo e à sua época, não sendo, pois, universais.
 - 16) A reflexão filosófica está intimamente ligada ao seu momento histórico, visto que leva esse mundo ao plano do conceito.
15. (Uem) “Ao criticar o mito e exaltar a ciência, contraditoriamente o positivismo fez nascer o mito do cientificismo, ou seja, a crença cega na ciência como única forma de saber possível. Desse modo, o positivismo mostra-se reducionista, já que, bem sabemos, a ciência não é a única interpretação válida do real. De fato, existem outros modos de compreensão, como o senso comum, a filosofia, a arte, a religião, e nenhuma delas exclui o fato de o mito estar na raiz da inteligibilidade. A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, mas também na vida diária, quando proferimos certas palavras ricas de ressonâncias míticas – casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte – cuja definição objetiva não esgota os significados que ultrapassam os limites da própria subjetividade.”

(ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4ª. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009, p. 32)

A partir do trecho citado, assinale o que for **correto**.

- 01) Ao contrário da ciência, o senso comum, a religião e a filosofia refletem uma imagem incompleta e precária do real.
 - 02) O mito do cientificismo é a aplicação do rigor formal do método científico à dança, à música e a diversas outras formas de expressão popular.
 - 04) O positivismo utiliza o inconsciente e o mito como forma de expressão do mundo.
 - 08) Explicações de caráter mítico, apesar de pertencerem ao período antigo, sobrevivem na modernidade.
 - 16) A função fabuladora recupera aspectos do mito que se distinguem da razão e do método científico.
16. (Uem) “O pragmatismo opõe-se ao intelectualismo e a todas as formas de pensamento da totalidade, buscando dar atenção aos fatos observáveis e às suas consequências. É um método de esclarecimento das diferenças significativas entre ideias, que se assenta na antecipação das consequências futuras que essas ideias possam ter.”

(ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. *Temas de filosofia*. 3ª. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005, p. 118)

Com base no excerto citado e nos seus conhecimentos sobre o pragmatismo, assinale o que for **correto**.

- 01) Segundo o pragmatismo, o concretamente experienciável é indispensável para julgar a pertinência das ideias.
- 02) O pragmatismo requer o conhecimento de verdades inatas.
- 04) Princípios da teoria evolucionista, que considera a continuidade de um ser vivo ligada à capacidade de adaptação ao mundo, estão em conformidade com o pragmatismo.
- 08) Ao criticar o intelectualismo, o pragmatismo pretende liberar a metafísica de conceitos vagos e dar lugar a uma filosofia purificada, científica e realista.
- 16) Segundo o pragmatismo, o significado de uma ideia não é dado por si mesmo, mas em seu valor de uso e nas suas consequências.

17. (Upe) Dentre os variados aspectos do pensamento humano, existe o pensamento mítico. Sobre essa forma de pensar, leia o texto a seguir:

Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: antes da criação do mundo, ou durante os primeiros tempos, em todo o caso faz muito tempo. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro.

Lévi-Strauss, C. *Antropologia Estrutural*. Rio, 1975, p. 241

Com relação a essa forma do pensar humano, assinale com V as afirmativas Verdadeiras e com F as Falsas.

- () O mito é uma tentativa fracassada de explicação da realidade.
- () O ser humano encontrou, na consciência mítica, a base para organizar um conhecimento sobre a realidade.
- () O mito é recuperado no cotidiano do homem contemporâneo e se apresenta com uma abrangência diferente daquela que se fazia sentir no homem primitivo.
- () A única ideia verdadeira sobre mito faz-se presente no homem moderno, quando este deseja superar a própria impotência e se tornar um ser excepcional.
- () O mito é uma forma autônoma de pensamento, quando ligado à tarefa de esclarecer a existência humana no mundo.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA.

- a) V, V, V, F, F
- b) F, V, V, F, V
- c) F, V, F, V, V
- d) V, F, F, F, V
- e) F, F, F, F, V

18. (Uem) Um dos principais problemas de nosso tempo diz respeito à linguagem: seus limites, suas vinculações, em suma, sua capacidade de traduzir em signos as coisas. A esse respeito, o filósofo francês Merleau-Ponty afirma: "A palavra, longe de ser um simples signo dos objetos e das significações, habita as coisas e veicula significações. Naquele que fala, a palavra não traduz um pensamento já feito, mas o realiza. E aquele que escuta recebe, pela palavra, o próprio pensamento".

(In: CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2011, p. 196).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01) A palavra torna real um pensamento por meio da fala, conferindo-lhe existência.
- 02) A palavra não consegue expressar a totalidade do objeto enunciado.
- 04) A palavra, ouvida ou escrita, é o pensamento manifesto em sua realidade.
- 08) A palavra faz uma mediação entre as coisas e o pensamento.
- 16) A palavra vincula-se intimamente aos objetos reais, pois é parte do ser desse objeto.

19. (Uel) Leia o texto a seguir.

O modo de comportamento perceptivo, através do qual se prepara o esquecer e o rápido recordar da música de massas, é a desconcentração. Se os produtos normalizados e irremediavelmente semelhantes entre si, exceto certas particularidades surpreendentes, não permitem uma audição concentrada, sem se tornarem insuportáveis para os ouvintes, estes, por sua vez, já não são absolutamente capazes de uma audição concentrada. Não conseguem manter a tensão de uma concentração atenta, e por isso se entregam resignadamente àquilo que acontece e flui acima deles, e com o qual fazem amizade somente porque já o ouvem sem atenção excessiva.

(ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In: Adorno et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.190. Coleção Os Pensadores.)

As redes sociais têm divulgado músicas de fácil memorização e com forte apelo à cultura de massa. A respeito do tema da regressão da audição na Indústria Cultural e da relação entre arte e sociedade em Adorno, assinale a alternativa correta.

- a) A impossibilidade de uma audição concentrada e de uma concentração atenta relaciona-se ao fato de que a música tornou-se um produto de consumo, encobrendo seu poder crítico.
- b) A música representa um domínio particular, quase autônomo, das produções sociais, pois se baseia no livre jogo da imaginação, o que impossibilita estabelecer um vínculo entre arte e sociedade.
- c) A música de massa caracteriza-se pela capacidade de manifestar criticamente conteúdos racionais expressos no modo típico do comportamento perceptivo inato às massas.
- d) A tensão resultante da concentração requerida para a apreciação da música é uma exigência extramusical, pois nossa sensibilidade é naturalmente mais próxima da desconcentração.
- e) Audição concentrada significa a capacidade de apreender e de repetir os elementos que constituem a música, sendo a facilidade da repetição o que concede poder crítico à música.

20. (Uel) Observe a figura e leia o texto a seguir.



Retrato de George Dyer, Em um espelho. 1968.
Óleo sobre tela. Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid.

A crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu. A ilusão acalentada pela filosofia tradicional sobre o indivíduo e sobre a razão – a ilusão da sua eternidade – está se dissipando. O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa autodeificação.

(HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000, p.131.)

Com base na figura e nos conhecimentos sobre a crise da razão e do indivíduo na contemporaneidade, em Horkheimer, considere as afirmativas a seguir.

- I. A crise do indivíduo implica na sua fragmentação: embora ele ainda se represente, a imagem que possui de si é incompleta, parcial.
- II. A crise do indivíduo resulta de uma incompreensão: ignorar que ele é uma particularidade ordenada (microcosmo) inserida numa totalidade ordenada (macrocosmo).
- III. O indivíduo, que é unitário, apreende a si mesmo e ao mundo plenamente, faltando-lhe, porém, os meios adequados para comunicar tal conhecimento.
- IV. O desenvolvimento das ciências humanas levou a uma recusa da ideia universal de homem: nega-se à razão o poder de fundamentar absolutamente o conhecimento sobre o indivíduo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

21. (Unesp) *Uma obra de arte pode denominar-se revolucionária se, em virtude da transformação estética, representar, no destino exemplar dos indivíduos, a predominante ausência de liberdade, rompendo assim com a realidade social mistificada e petrificada e abrindo os horizontes da libertação. Esta tese implica que a literatura não é revolucionária por ser escrita para a classe trabalhadora ou para a “revolução”. O potencial político da arte baseia-se apenas na sua própria dimensão estética. A sua relação com a práxis (ação política) é inexoravelmente indireta e frustrante. Quanto mais imediatamente política for a obra de arte, mais reduzidos são seus objetivos de transcendência e mudança. Nesse sentido, pode haver mais potencial subversivo na poesia de Baudelaire e Rimbaud que nas peças didáticas de Brecht.*

(Herbert Marcuse. *A dimensão estética*, s/d.)

Segundo o filósofo, a dimensão estética da obra de arte caracteriza-se por

- a) apresentar conteúdos ideológicos de caráter conservador da ordem burguesa.
- b) comprometer-se com as necessidades de entretenimento dos consumidores culturais.
- c) estabelecer uma relação de independência frente à conjuntura política imediata.
- d) subordinar-se aos imperativos políticos e materiais de transformação da sociedade.
- e) contemplar as aspirações políticas das populações economicamente excluídas.

Gabarito

1.C	2.B	3.A	4.C	5.	6.D	7.D	8.27	9.30	10.D
11.A	12.D	13.14	14.23	15.24	16.29	17.B	18.21	19.A	20.B
21.C									